

Cartões-postais: a sociabilidade em Pelotas através das imagens – início do século XX

Postcards: the sociability in Pelotas through images - early twentieth century

Dalila Müller¹

Dalila Rosa Hallal²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar duas imagens – cartões postais – do município de Pelotas no início do século XX, relacionadas aos espaços de sociabilidade da cidade. No final do século XIX e início do XX, Pelotas era o maior centro charqueador do Brasil vivendo um período de riqueza econômica e cultural. Essa situação possibilitou uma modernização do espaço urbano, com a criação de novos locais de convivência social. Os cartões-postais auxiliam na memória da cidade, impressa nessa narrativa, no período em que o cartão-postal era o principal meio de comunicação visual de massa. Os postais foram selecionados a partir da disponibilidade desses documentos em acervos privados e dentre aqueles que mostram espaços de sociabilidade de Pelotas. A análise dos cartões postais foi realizada a partir das três etapas apresentadas por Panofsky (1991): iconografia – pré-iconográfica e iconográfica – e iconologia. As imagens dos cartões postais analisados destacam principalmente o discurso da modernidade, de riqueza e de sofisticada cultura que se traduz na abertura de ruas, praças e jardins. A presença de espaços de sociabilidade nos cartões-postais demonstrava que esses locais estavam relacionados a uma cidade civilizada e moderna, o que Pelotas estava se tornando.

Palavras-chave: Pelotas. Fotografia. Cartões-postais. Sociabilidade.

¹ Graduada em Ciências Sociais. Mestre em Turismo – UCS (Universidade de Caxias do Sul). Doutora em História – UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Professora do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas.

² Graduada em Economia Doméstica. Mestre em Turismo – UCS. Doutora em História – PUCRS. Professora do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas.

Contatos: dmuller@ufpel.tche.br, dhallal@ufpel.tche.br

Abstract

this study aims to analyze two images (postcards) from the city of Pelotas in the early twentieth century related to places where sociability was possible. In the late nineteenth and early twentieth centuries, Pelotas was the largest jerked beef producer in Brazil, living an era of economic and cultural wealth. Such position enabled the city to modernize its urban space by creating new places of social interaction. Postcards help keep the memory of the city conveyed in this narrative, especially at a time when they were the primary means of visual mass communication. The postcards were selected based on the availability of these documents in private collections and among those who show social interaction places in Pelotas. The postcards analysis was performed out from the three steps presented by Panofsky (1991): iconography (pre-iconographic and iconographic) and iconology. The images of the postcards analyzed particularly highlight a discourse of modernity, wealth and sophisticated culture that is reflected in the opening of streets, squares and gardens. The presence of social interaction places in the postcards showed that these sites were related to a civilized and modern city, a status that Pelotas was beginning to achieve.

Keywords: Pelotas. Photography. Postcards. Sociability.

Introdução

Este artigo tem por objetivo realizar a leitura de duas imagens da cidade de Pelotas – cartões-postais do início do século XX -, observando de que forma esses cartões-postais mostravam a cidade e, especificamente, os espaços que eram utilizados para a sociabilidade dos pelotenses e seus *touristes*³.

No conjunto de cartões-postais produzidos sobre Pelotas no início do século XX e, diante da documentação ainda disponível, foram selecionados aqueles que mostram espaços de sociabilidade da cidade. Desses, dois são utilizados neste trabalho – a Praça da República⁴ (atual Praça Cel. Pedro Osório)

³ O termo “*tourist*” foi utilizado na imprensa pelotense em 1885, em um anúncio do Parque Pelotense. (Diário de Pelotas, 24.10.1885, p. 3).

⁴ A Praça recebeu diversas denominações. Primeiramente era chamada de Campo; depois da proclamação da independência passou a se chamar Praça da Regeneração; em 1865, D. Pedro II, em homenagem à visita do Imperador D. Pedro a Pelotas; em 1889, passou a denominar-se novamente de Regeneração; em novembro de 1895 passou a chamar-se Praça da República, homenageando o regime político que se consolidava; e, a partir de 7 de março de 1931, Praça Cel. Pedro Osório, em homenagem ao Cel. Pedro Luís Da Rocha Osório (MÜLLER, 2010).

(Cartão-postal 1) e a Rua XV de Novembro (Cartão-postal 2), por serem esses locais os mais destacados na literatura de viagem do início do século XX.

O conceito de sociabilidade utilizado está ligado àquele que lhe atribui Maurice Agulhon, que considerava sociabilidade a vida social organizada e as associações diversas, sua forma privilegiada (AGULHON, 1977). Em trabalhos posteriores, conclui que a sociabilidade não está ligada somente à vida das associações, mas que há formas de sociabilidade informais que não pertencem às associações, como os comportamentos em família, com amigos, na rua, em espetáculos (AGULHON, 1986).

Agulhon considera que as relações entre os indivíduos estão presentes inclusive no nível mais informal dos hábitos e das maneiras, na casa, no trabalho, na rua, no espetáculo. “La sociabilidad de lo cotidiano es inmensamente extensa e infinitamente variada, sin por ello estar organizada.” (AGULHON, 1992, p. 8).

Assim, a sociabilidade envolve formas de organização formais e informais que se dão para que os homens estabeleçam vínculos, relações, para que usufruam dos aspectos agradáveis das relações humanas, da fruição da presença do outro, da reciprocidade, ou seja, a sociabilidade é a qualidade do ser sociável.

Os cartões-postais analisados apresentam os espaços de sociabilidade informais, os quais se constituem em espaços abertos, sem regulamentos e normas institucionalizadas, seus frequentadores são habituais, nem sempre são os mesmos, variando conforme a atividade (MÜLLER, 2010).

Pode-se considerar que, à medida que a cidade se desenvolvia econômica, social e culturalmente, desenvolveram-se novas formas de sociabilidade, as quais possibilitavam o intercâmbio entre estranhos. Era nesses espaços que a sociedade pelotense de então, bem como os visitantes, ou “*passeiantes*”, ou ainda “*touristes*”, como eram chamados, se encontravam para passear, conversar, enfim, para verem e serem vistos. Tais espaços eram as principais “vitrines” da opulência vivida pela elite pelotense do período, conforme será mostrado na leitura das imagens.

Esses locais eram objeto de interesse dos cartões-postais sobre Pelotas. Um dos mais antigos deles, de 1873, registrou a “Praça da Regeneração” (atual Praça Cel. Pedro Osório), especificamente a Fonte das Nereidas. (DIAS, 2003).

Para a leitura da imagem dos dois cartões-postais escolhidos se utilizaram as três etapas apresentadas por Panofsky (1991): iconografia, que

se subdivide em pré-iconográfica e iconográfica, e iconologia. Para o autor, a etapa da iconografia denota algo descritivo, é a descrição e a classificação das imagens, enquanto que a iconologia denota algo interpretativo. Assim, o autor concebe a “iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa [...]” (PANOFSKY, 1991, p.54)

Na descrição pré-iconográfica, os objetos e eventos, cuja representação por linhas, cores e volumes constitui o mundo dos motivos, podem ser identificados tendo por base nossa experiência prática. O mundo dos motivos significa o mundo das formas puras reconhecidas como portadoras de significados primários e naturais. A enumeração desses motivos compõe uma descrição pré-iconográfica.

Na descrição iconográfica identificam-se os motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional. Esses motivos podem ser chamados de imagens. A compreensão de tais imagens pressupõe, mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática, a familiaridade com temas específicos ou conceitos transmitidos por fontes literárias, obtidos por leitura ou tradição oral.

A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por ‘iconografia’. De fato, ao falarmos do ‘tema em oposição à forma’, referimo-nos, principalmente, à esfera dos temas secundários ou convencionais, ou seja, ao mundo dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, estórias e alegorias, em oposição ao campo dos temas primários ou naturais manifestados nos motivos artísticos. (PANOFSKY, 1991, p. 51)

Na descrição iconológica busca-se descobrir e interpretar os valores simbólicos⁵ (PANOFSKY, 1991, p. 52), portanto a iconologia é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. “E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica [...]”. (PANOFSKY, 1991, p. 54).

⁵ Panofsky (1991) interpreta as formas puras, os motivos, imagens que Ernst Cassirer chamou de valores simbólicos.

Também, para a leitura dessas imagens, utilizou-se a bibliografia referente à cidade de Pelotas, visando a analisar e a interpretar mais profundamente a imagem, apreendendo o que não está visível, uma vez que as fontes fotográficas não atingirão sua finalidade se não forem analisadas juntamente com as informações escritas de diferentes naturezas.

Cartões-postais

O crescimento das cidades brasileiras atraiu a atenção dos fotógrafos, que registraram vários aspectos das cidades e de seus moradores. Nas três últimas décadas do século XIX, o país experimentou profundas transformações que alteraram a vida de seus habitantes. O fim da escravidão, o crescimento econômico e a mudança de regime político são alguns dos marcos que trouxeram um vertiginoso crescimento populacional e investimentos em infraestrutura na época. Entre esses, se destacou o desenvolvimento dos meios de comunicação, com o crescimento das ferrovias, dos transportes marítimos e dos correios que possibilitaram, em menor tempo, o deslocamento de pessoas e mercadorias e, assim, influíram diretamente no cotidiano dos indivíduos.

O cartão-postal, um novo meio de comunicação ajustado a tais necessidades de rapidez, surgiu na Europa ao final da década de 1860 e logo ganhou popularidade, atraindo também a atenção dos artistas, entre eles os fotógrafos que perceberam, através desse meio, uma forma de vincular seus trabalhos e levá-los ao grande público. A ideia de criação do cartão-postal surgiu em 1865, com o Dr. Heinrich von Stephan, então funcionário do correio alemão, que propôs, na Conferência Postal Germano-Austríaca, a adoção da “*offenes Post-blatt*” ou folha postal aberta, como meio de correspondência.

De acordo com Fabris (1998), em 1875, surge o cartão-postal ilustrado, aliado da imagem fotográfica em seu momento de massificação, pois possibilitou sua grande difusão. Sua origem é atribuída, por uma revista especializada da época, a um livreiro de Oldenburg, que, em 1875, teria editado duas séries de vinte e cinco cartões.

No Brasil, é introduzido em 1901 e se transformou num sucedâneo da obra de arte, vindo a ser exposto emoldurado como se fosse um quadro, de acordo com a moda generalizada na Europa e nos Estados Unidos. Sua rápida difusão colocou ao alcance do público de massa um verdadeiro inventário do mundo. Abarcando monumentos, paisagens, usos e costumes, eventos

importantes, celebridades, imagens picantes, possibilitou ao grande público, a posse simbólica de vários aspectos do universo (FABRIS, 1998).

O cartão-postal ilustrado por fotografias alcançou, no início do século XX, o auge de sua produção e consumo, auxiliado pelos grandes deslocamentos migratórios e pelo crescimento do turismo, os quais trouxeram o desenvolvimento das comunicações e a consequente expansão da produção de postais.

A vontade de apreender o mundo a partir de imagens visuais sempre despertou e desperta no homem interesse, possibilitando distintas formas de produzir, olhar, conceber e dialogar com a sociedade.

Assim, a viagem imaginária e a posse simbólica são as conquistas de uma nova concepção do espaço e do tempo, sem fronteiras geográficas, acentuando as semelhanças entre os homens e pulverizando a linearidade temporal burguesa numa constelação de tempos particulares e sobrepostos (FABRIS, 1998).

De acordo com Schapochnik (1998, p. 424) “os cartões-postais são como um convite à viagem, uma prenda delicada àqueles que estão distantes”. Desse modo, estimulam a viagem a partir das imagens que mostram:

Infinitamente precioso para a educação do homem pelo belo, o cartão postal vulgariza as maravilhas da Natureza e da Arte: os que vivem longe dessas belezas têm vontade de ir vê-las, os que vivem ao lado delas tomam conhecimento de sua existência. (RIPERT e FRERE apud FABRIS, 1998, p. 34).

É importante ressaltar que, como chama a atenção Schapochnik (1998, p. 424), “uma vez atingido o seu destino postal, a viagem recomeça. Mas, agora, o viajante é aquele que recebe o cartão”. Ou seja, o cartão-postal serve para que os que estão distante façam uma viagem, mesmo que imaginária, estimulando, assim, a viagem concreta.

Outro aspecto importante de ser salientado é que o turista, a partir dos cartões-postais enviados, queria demonstrar aos seus parentes e amigos, que “participava do ‘avanço da civilização’, simbolizada, nos cartões-postais, por um mundo ordenado por signos já identificados com noções de belo, prazer e avanço, sobretudo tecnológico” (BORGES, 2003, p. 60). Associadas à imagem, os cartões postais continham as mensagens do remetente ao destinatário.

A conjugação que se estabelece entre o texto e a imagem, sublinha a atitude deliberada do remetente em persuadir, o

destinatário a compartilhar, ao seu modo, o gosto da viagem. De uma maneira ou outra, o cartão-postal procura estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir uma distância. (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 424).

Para Borges (2003), o sucesso dos cartões-postais levou fotógrafos e pequenos empresários a investir na produção e comercialização de vistas de paisagens, de cenas da vida rural e urbana, de monumentos históricos e de lugares que, por razões diversas, iam se tornando cada vez mais objeto do desejo e das viagens de lazer da burguesia da *Belle Époque*.

Os grandes projetos de “modernização” das cidades brasileiras, que já eram alvo dos fotógrafos, foram vinculados nos postais não por acaso, pois serviram como um forte meio de propaganda do “progresso” do país no exterior. (VELLOSO, 1999).

Em Pelotas não foi diferente. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, Pelotas se destacou, principalmente, pelas charqueadas e pelas consequências dessa atividade na cidade. É durante os anos de 1851 e 1860 “[...] que Pelotas vai dar o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil.” Nesse período, Pelotas recuperou sua economia e delineou sua configuração urbana, consolidando-se no período seguinte, mantendo o apogeu entre 1860 e 1890. (MAGALHÃES, 1993, p.70).

Os charqueadores, quando permaneciam na cidade, desenvolviam atividades sociais e culturais. A cidade se destacou pela sua economia, cultura e lazer, sendo considerada uma cidade rica e próspera. Esse progresso proporcionou melhoramentos e modernizações urbanísticas.

A partir da metade do século XIX, a cidade começou a valorizar os espaços urbanos, revitalizando-se através das reformas urbanas. Na década de 1840, as ruas começaram a ser iluminadas com lâmpíões a azeite; em 1845, iniciou-se a preocupação com a conservação e a limpeza das ruas; em 1874, já havia iniciado o abastecimento de água pela estação de tratamento da represa do Moreira; em 1908, foi instalada a Companhia Telefônica Rio-Grandense, com ligações diretas para Porto Alegre, Bagé, Jaguarão e Rio Grande; em 1912, teve início a iluminação pública elétrica na cidade e iniciou-se o trabalho de implantação do sistema de esgotos.

Essas reformas buscavam mudar a feição da cidade, dando a ela um caráter civilizado e pronto para receber as pessoas nos seus novos locais públicos. Tal

ordenação dos espaços públicos passa pela definição do que são e para quem são destinados, como:

Órgãos essenciais à vida urbana são a rua, a praça, o templo, o mercado, o foro, o circo, o *theatron* (literalmente, “o lugar em que se olha... e se é olhado”), isto é, a cidade são os canais que levam o homem à presença dos outros homens, e os recintos para todas as formas de convivências que aplacam a angústia de ser só, a estreiteza de ser particular e curam a sensação da insuficiência da casa, do círculo doméstico e dão a oportunidade a que cada homem faça de sua vida uma tangente de outras vidas. (OMEGNA, 1971, p. 80)

Essa modernização da cidade foi mostrada e divulgada nos cartões postais. Seus temas eram as principais ruas de Pelotas, como a XV de Novembro e a General Netto; os prédios que demonstravam o assistencialismo dos moradores, como o Asilo de Mendigos, a Santa Casa de Misericórdia, a Beneficência Portuguesa; ou os que mostravam a vida econômica, como o Mercado Público Central; os monumentos; as praças e jardins; as melhorias urbanas e os transportes.

Os cartões-postais de Pelotas tinham a função de informar sobre a cidade, de mostrar o belo, o monumental, o higiênico, como ocorreu nas diversas cidades brasileiras. Borges (2003) discute a função do cartão-postal produzido sobre as cidades, relacionando-o principalmente ao belo, ao prazer e ao “avanço da civilização”.

Encantar o olhar do observador, celebrar um imaginário que remeta a um mundo guiado pelas noções positivas de progresso e civilidade sempre foram as principais funções sociais dos cartões postais. Não por acaso, à medida que sua moda ia se alastrando, as cidades, lócus por excelência do exercício e das práticas civilizadoras, iam construindo suas versões higienizadas, oficiais e modernas do espaço público. (BORGES, 2003, p. 59-60).

Os cartões-postais registraram principalmente aspectos da transformação e modernização das cidades, fazendo delas seu principal tema. As novas edificações, prédios públicos e privados, jardins, praças, ruas e avenidas das “cidades modernas” foram temas privilegiados. Kossoy (2002) levanta a hipótese de que, devido ao grande número de cartões-postais produzidos no final do

século XIX e início do XX, os cartões poderiam ter influenciado no comportamento e mentalidade dos homens, por possibilitar o conhecimento visual do mundo, mesmo que fragmentário. O autor considera que os cartões-postais não eram só veículos de correspondência, mas instrumentos de propaganda, principalmente de vistas de cidades.

Para Schapochnik (1998, p. 430):

As imagens fixadas nos cartões produzidos no Brasil remetiam para uma diversidade de temas, com destaque para: as paisagens bucólicas, que sublinhavam o exotismo tropical, ou a natureza refigurada nos jardins e praças; o cenário urbano emblemático pelas pontes e avenidas, o porto e a estação ferroviária, o casario e os monumentos associados à valorização dos ideais de “civilização” e “progresso”, e, ainda, a galeria de retratos dos personagens de destaque na esfera político-cultural e os “tipos exóticos” que habitavam o Brasil.

Desse modo, no Brasil, o cartão-postal foi utilizado desde o início do século XX, contendo particularmente reproduções de vistas de cidades, para divulgar imagens ao público cada vez mais ávido de novidades. Para isso, tanto promoveu um discurso de cidade moderna, urbanizada, condizente com os ideais de transformação da época, quanto narrou, através de fotografias, o cotidiano das cidades.

A Sociabilidade em Pelotas nos Cartões-postais

A sociabilidade, no final do século XIX e no início do XX, estava vinculada à noção de civilização e de cortesia. Civilização era vista como suavização de maneiras, urbanidade, polidez, mas também, e principalmente, o conceito de civilização estava vinculado às características específicas da aristocracia de corte, expressando a “autoimagem da classe alta europeia em comparação com os outros”. Duas ideias se fundem no conceito de civilização: “ela constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie”; e a “civilização não é apenas um estado, mas um processo que deve prosseguir” (ELIAS, 1994, p. 54-62).

À medida que as cidades foram se desenvolvendo, houve um aumento e uma diversificação dos espaços de sociabilidade. Espaços anteriormente pouco utilizados pela população passam a ser valorizados enquanto locais de

convivência social, como as ruas e as praças. Tais locais sempre foram temas de interesse dos fotógrafos, conforme já discutido. Desse modo, tais espaços também aparecem nos cartões-postais de Pelotas, mostrando uma “cidade civilizada, urbanizada, moderna”.

Os dois cartões-postais analisados foram enviados no final da década de 1910 para José Carvalho, que estava residindo ou hospedado no Hotel Avenida no Rio de Janeiro, com sua esposa. Esses cartões foram enviados por dois amigos pelotenses, Amaral e Antunes, os quais desejavam uma boa estadia no Rio de Janeiro.

Ambos são em preto e branco e foram produzidos por A. Ribeiro, Rua Ambrosina, 25, Aldeia, Rio de Janeiro, pelo que pode se supor que fazem parte de uma mesma coleção. Esse editor não consta da lista das mais famosas editoras instaladas no Brasil nos primeiros anos do século XX. Porém, entre elas constam editoras no Rio Grande do Sul⁶, as quais, neste caso, não foram utilizadas.



Cartão-Postal 1: Praça da República – Pelotas/RS (1919).

⁶ As editoras são relacionadas por E. de Oliveira Belchior, na sua introdução a P. Berger. *O Rio de ontem no cartão-postal 1900-1930*. Citado por Schapochnik (1998).

Podemos reconhecer nos cartões-postais a seguir a rua XV de Novembro e a Praça Coronel Pedro Osório nas primeiras décadas do século XX. “Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar, pelo menos em parte, o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real.” (AUMONT, 1993, p. 82).

Nesse primeiro cartão-postal pode-se observar, em primeiro plano, a imagem de uma praça, ajardinada, com passeios, um chafariz ao centro e algumas (duas ou três) pessoas caminhando; e, em segundo plano, vários prédios ao redor. Tal imagem associa áreas verdes, expostas em primeiro plano, com edificações suntuosas, no plano de fundo.

A fotografia foi tirada de cima para baixo, provavelmente de um segundo piso de um prédio, proporcionando um efeito de monumentalização, característico das fotos panorâmicas.

Essa é a atual Praça Cel. Pedro Osório, denominada Praça da República no início do século XX, localizada na área central da cidade de Pelotas. O chafariz Fonte das Nereidas, no “redondo da praça”, veio da França em 1873, com outros três chafarizes utilizados para fornecimento de água para a população.

Os prédios que se pode visualizar, a direita do cartão, são os prédios da Intendência Municipal, da Bibliotheca Pública Pelotense e do Mercado Central. Ao redor da Praça ainda se localizavam a Câmara Municipal, principal órgão político e administrativo do Município, o Theatro Sete de Abril, o Clube Caixeiral e os palacetes dos principais charqueadores.

Em novembro de 1829 uma área de Pelotas, então freguesia São Francisco de Paula, foi doada, por Mariana Eufrázia da Silveira, para o serviço público. Tal área foi destinada para a praça, para uma nova igreja, para o quartel e o hospital. Logo após a doação das terras, mesmo não tendo a configuração de praça, foi denominada de Praça da Regeneração (MOREIRA, 1989). Até a década de 1870 permaneceu em péssimas condições de utilização, mas, mesmo assim, era utilizada como espaço de sociabilidade. Nela, já em 1832, foi realizada uma parte da programação em comemoração ao dia 7 de abril, quando foi “apresentado ao público o espetáculo de Cavalhadas” (O Noticiador, 04.05.1832, p. 3); entre outras atividades recreativas que foram ali realizadas durante os anos seguintes.

Na década de 1870, diante de tantas obras que a Câmara Municipal estava realizando para a “comodidade e o progresso” dos pelotenses, a população

reivindicava melhorias na Praça, que estava “realmente incompatível com os créditos e adiantamentos desta cidade. [...]” (Correio Mercantil, 12.10.1875, 1).

No final da década de 1870, a Praça é arborizada, com a plantação de acácias, eucaliptos e outras árvores. É submetida a um trabalho paisagístico e gradeada. Após o gradeamento, os trabalhos de arborização continuam e iniciam o ajardinamento e a construção de passeios; também foi suspenso o fornecimento de água pelo chafariz.

A partir desse momento, a Praça é considerada um local digno para que a população pelotense desfrute seus momentos de lazer.

A cidade de Pelotas pode orgulhar-se de possuir atualmente a mais ampla e elegante praça da província, no que diz respeito ao aformoseamento externo [...] a praça Pedro II, colocada ao centro da cidade, passeio predileto da população, [...] elegantemente gradeada, com suas pilastras de alvenaria e portões de ferro, apresentando um belo efeito, em poucos anos deve converter-se em um jardim pitoresco, em um lugar aprazível, repleto de variedades para entreter a atenção dos concorrentes e atrair a curiosidade e elogios dos que visitem a cidade [...]. (Correio Mercantil, 14.09.1877, 1)

Observa-se que existia uma preocupação com os visitantes de Pelotas. A Praça deveria ser interessante e motivo de elogios para os que chegassem à cidade, ou seja, para os *touristes*. Esses espaços públicos abertos eram importantes para a sociabilidade dos moradores e de seus visitantes, aonde iam para se encontrar, conviver e se encontrar com os demais, pois, mais importante que a atividade propriamente dita, era a relação que se desenvolvia nesses espaços (AGULHON, 1986).

As pessoas que vinham para Pelotas, principalmente visitantes ilustres, eram homenageadas na Praça Cel. Pedro Osório, onde a população pelotense demonstrava todo o apreço pelo visitante, através de espetáculos, serenatas, entre outras atividades (MÜLLER, 2010). Essas atividades eram realizadas de forma articulada com os “desfiles” pelas principais ruas, com os espetáculos no Theatro Sete de Abril e com os banquetes nos hotéis mais importantes da cidade. Todos esses eram importantes espaços de sociabilidade de Pelotas no século XIX e início do século XX (MÜLLER, 2010).

Entre os anos de 1911 e 1914, o intendente Cypriano Barcellos, juntamente com César Campos, Jorge Schury, Carlos Bacchettini e o jardineiro japonês Yota

Saito, remodelaram a Praça, com substituição das árvores primitivas e plantação de arbustos e flores (Diário Popular, 20.09.1987, s/p).

A Praça se converteu em um “jardim pitoresco, em um lugar aprazível, repleto de variedades para entreter a atenção dos concorrentes” (Correio Mercantil, 14.09.1877, p. 1), não só durante o dia, mas também à noite, quando os lampiões em torno do chafariz foram acesos.

Os eventos cívicos e religiosos continuaram a ser realizados na Praça, bem como as comemorações por melhorias realizadas na cidade. No final da década de 1870, começaram a ser realizadas retretas nos domingos e dias santificados, pelas bandas musicais Lyra Pelotense, Santa Cecília, Apollo. Na década de 1880, foi instalado num jardim da Praça o Recreio Pelotense, que oferecia comidas, bebidas, sorvetes, com apresentações das bandas musicais e também o Rink Pelotense, que oferecia festas e espetáculos. A Praça também era palco das festas de carnaval, do entrudo, dos discursos do Momo e dos desfiles. (BARRETO, 2003).

A imagem da Praça Cel. Pedro Osório no cartão-postal reforça sua significação como um local agradável ao passeio, ao encontro, ao lazer, as festividades, aos eventos artísticos e culturais, ou seja, um local de ver e ser visto. Esse local servia de cenário, de vitrine para os hábitos de lazer das distintas famílias, ainda que se visualizem poucas pessoas no interior da Praça. A Praça, juntamente com os principais prédios da cidade ao seu redor, representava a opulência dos charqueadores, o progresso da cidade, a ideia de uma cidade limpa, bela, higiênica, aprazível.

O desenvolvimento da Praça como um espaço de sociabilidade das elites reflete uma noção civilizatória, em que é necessária a renovação de valores e hábitos, entre eles os hábitos sociais e culturais.

As praças compensavam uma arquitetura de casas construídas no limite da calçada, desprovidas de áreas externas e frontais para jardins próprios. Cumpriam muitas funções: abrigar a população, embelezar a cidade e gerar espaços de convivência e sociabilidade. Os espaços públicos acolhiam o cidadão nas suas horas de lazer, ampliando o tempo de convivência com a cidade.



Cartão-Postal 2: Rua XV de Novembro – Pelotas/RS (início do Século XX)

O segundo cartão-postal mostra um pequeno trecho da cidade, uma rua com casas de comércio, por onde trafegam carros, bondes, carroças e pessoas. A foto evidencia a circulação de pessoas, seja de carro ou a pé. Entre elas, estão principalmente homens, que caminham ou que estão parados em frente às “casas de negócio”. Um homem e uma criança parecem notar a presença do fotógrafo.

A fotografia foi tirada de uma das calçadas da rua, mostrando toda a extensão da mesma. A rua conduz o olhar, há um destaque para seu leito, para a continuidade dos prédios, para os postes de iluminação, para os trilhos de bonde e para as calçadas.

As ruas de Pelotas sempre foram destacadas pelos viajantes que aqui estiveram. A cidade foi considerada bem traçada, com ruas “largas, alinhadas, bem empedradas, compridíssimas algumas delas” (FREITAS, 1891, p. 233), “bastante sossegadas; pairam, porém, sobre elas um ar de contentamento e prosperidade que penetra a gente” (SMITH, 1922, p. 136).

A imagem do cartão-postal é a rua XV de Novembro, no centro da cidade de Pelotas. Essa rua foi projetada no primeiro plano urbano da cidade de Pelotas, realizado em 1815, juntamente com outras 18 ruas e era a rua principal e a mais movimentada da cidade. “Nela é que ficavam os melhores hotéis e livrarias, as confeitarias mais chiques, as grandes casas de moda e o melhor comércio em geral.” (MAGALHÃES, 2000, p. 73-4)

Também nela passavam as principais procissões, como as da festa do padroeiro São Francisco de Paula; o préstito saía da Igreja e se dirigia pela rua XV de Novembro até a Praça da República, onde continuavam os festejos. Essa rua ligava a Praça Matriz, onde estava localizada a Igreja, e a Praça da República.

Outras comemorações também tinham a rua XV de Novembro como cenário. Na chegada de um visitante ilustre, os festejos cívicos eram comemorados com desfile pelas principais ruas da cidade, “sem faltar nunca a rua XV de Novembro”. Esses desfiles eram acompanhados por grande número de pessoas e por bandas de música (O Pelotense, 05.09.1854, p. 1).

A rua XV de Novembro se transformava no principal espaço de sociabilidade durante o carnaval. A rua acompanhou as diversas mudanças ocorridas na festa. Inicialmente, nela e nas suas proximidades e no interior da Praça da República, era realizado o entrudo. Em 1895, os limões de cheiro são trocados por confetes e serpentinas, o que dá um toque de refinamento à festa.

A rua 15 e a Praça da República por certo nunca viram tantos confetes e serpentinas. A brincadeira, por vezes, tomou proporções de delírio. [...] Muitos carros particulares e de praça, ocupados por famílias e alegres rapazes, faziam constantes voltas pelas ruas centrais. [...] Belo de ver-se, pela rua 15, nas calçadas, as longas filas de cadeiras, todas tomadas por galantes jovens e senhoras, em toaletes vistosos. Era aí que a animação pelo jogo do entrudo se desenvolvia mais fortemente. [...] (Diário Popular, 18.02.1896, p. 1)

Posteriormente, no início do século XX, os desfiles de clubes carnavalescos, como o Demócritos, o Diamantinos e o Brillhante, com carros alegóricos, são realizados nessa rua. (BARRETO, 2003)

Na imagem podem-se visualizar equipamentos e objetos de consumo identificados com as marcas do progresso e da modernidade, tais como automóveis, os trilhos dos bondes, lojas e postes de iluminação. A imagem mostra ainda os prédios de dois andares. Junto aos automóveis aparecem as carroças nas ruas, uma certa combinação entre tradição e modernidade.

Pode-se dizer que essa imagem procura mostrar o desenvolvimento urbano, através de local modernizado, de casas de comércio, sejam de armazéns, confeitarias ou hotéis, e da circulação de pessoas, seja a pé, de carroça, de carro

ou de bonde. Apesar de a imagem não mostrar o bonde, mostra os trilhos por onde ele passava. A partir de 1874 tinha como um dos percursos a rua XV de Novembro, ligando a Praça da República à Praça Matriz⁷.

A rua XV de Novembro era a rua do *footing*, das grandes comemorações, das procissões e passeatas, acompanhadas de música e foguetes, e o espaço mais importante para o carnaval. Por isso, um espaço importante de sociabilidade e de ser mostrado em cartões-postais.

Assim, uma das maiores mudanças que se produziu nesse período foi a relação com a vida pública. A praça e a rua, enquanto espaços de sociabilidade, possibilitam no cotidiano da cidade novos hábitos para a elite pelotense. A rua ganha vida com as novas modas de frequentar os cafés, as confeitarias, os hotéis ou simplesmente caminhar. Nesse sentido, a rua XV de Novembro, onde se localizavam os principais cafés e confeitarias, se converteu em um símbolo da nova modernidade (UEDA, 1998), sendo a rua um ícone fundamental da vida moderna.

Assim, é possível dizer que a imagem da Praça Cel. Pedro Osório e da Rua XV de Novembro mostrada nos cartões-postais do início do século XX, tinha, conforme Aumont (1993), uma dupla função: uma função epistêmica, que buscava mostrar o que a cidade tinha de espaços ao ar livre, higiênicos, modernos, civilizados; e uma função estética, que tinha por objetivo agradar o espectador, visando a oferecer sensações agradáveis ao receptor do cartão.

Considerações finais

No início do século XX, os cartões-postais de Pelotas nos remetem aos temas citados por Schapochnik (1998) e Borges (2003) e ressaltam os atributos de “modernidade”, de “riqueza” e de “sofisticada cultura”, consagrados pela história do município e assentados no imaginário da época. As imagens foram fundamentais para a formação do discurso de cidade urbana e moderna, uma

⁷ O serviço de transportes pela “Ferro Carril e Cais de Pelotas” foi inaugurado no dia 9 de novembro de 1873, quando começou o trânsito de carros, com passageiros, pela linha construída, pela rua Félix da Cunha, do Porto (Praça Domingues Rodrigues) à estação central, onde terminavam os trilhos. Em 1874 foi construída uma segunda linha, com percurso pela rua São Miguel, da Praça Pedro II à Matriz. (OSORIO, 1998, p. 424)

vez que os cartões-postais eram considerados instrumentos de propaganda, principalmente de vistas de cidades.

O município acompanhou o processo de modernização experimentado, sobretudo, pelo Rio de Janeiro e São Paulo. O centro da cidade sofreu uma série de intervenções que se assentaram na remodelação, higienização e saneamento, assim como na abertura de ruas, praças e jardins. Tais melhorias pretendiam transformar a cidade e, muitas vezes, imitar os grandes centros. A pujança econômica de Pelotas na época possibilitava e incentivava o desejo de imitar o resto do país.

Assim, os cartões-postais, peças importantes dos acervos das cidades, eram documentos que informavam e possibilitavam uma viagem imaginária por parte de quem os recebia. Existia uma preocupação em mostrar o belo, em encantar o olhar do espectador. Os cartões-postais analisados tinham, conforme Aumont (1993), a função epistêmica e estética, uma vez que traziam informações sobre o cotidiano da cidade de Pelotas e buscavam mostrar o belo, o aprazível, agradando o espectador.

Os cartões-postais analisados neste trabalho mostram os principais espaços de sociabilidade de Pelotas no final do século XIX e início do XX; estes eram os espaços mais importantes para ver e ser visto, para exibir a riqueza e as pompas, para demonstrar a opulência da sociedade pelotense, permitindo a análise das representações do espaço público.

Nesse sentido, os espaços de sociabilidade eram importantes para demonstrar a cidade civilizada, urbanizada, moderna que Pelotas estava se tornando. A sociabilidade também era importante para o progresso da sociedade, pois, uma população com “espírito de sociabilidade” era importante porque:

da sociedade é que nasce o discernimento na conversação, que nasce alguma luz sobre os que mais restritos nos seus itinerários ouvem do viajante a descrição do que viu e do que sentiu, que nasce até certo ponto o esclarecimento do espírito; em que a jovem ainda inexperiente colhe do contato com muitos, a égide que mais fortalece a defesa de suas virtudes; é finalmente da sociedade que tantas vezes pelo casamento de muitas opiniões nascem grandes empresas e muitos melhoramentos para o lugar e por conseguinte para o país. (Diário do Rio Grande, 15.08.1867, p. 1)

A sociabilidade era vista no século XIX e início do século XX como relacionada à cortesia, à civilidade e, posteriormente, à civilização. Era

considerada algo bom, importante para o progresso da sociedade. Assim, uma cidade para ser moderna e civilizada, precisaria ter espaços de sociabilidade. Essa ideia estava presente nos dois cartões-postais analisados neste trabalho.

Referências

AGULHON, M. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848: etude d'une mutation de sociabilité*. Paris: Armand Colin, 1977. (Cahier des Annales, 36).

AGULHON, M. Introduction: la sociabilité est-elle objet d'histoire? In: ÉTIENNE, François (Org.). *Sociabilité et société bourgeoise en France, en Allemagne et en Suisse, 1750-1850*. Paris: Recherche sur les Civilisations, 1986. p. 13-23.

AGULHON, M. La Sociabilidad como categoría histórica. In: FUNDACION MARIO GONGORA. *Formas de sociabilidad en Chile 1840-1940*. Santiago do Chile: Vivaria, 1992. p. 1-10.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: EDUCAT, 2003.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DIAS, Ana Claudia. A história de Pelotas em cartões-postais. *Diário Popular*, Pelotas, 13 fev. 2003. Especial, p. 3.

CARNAVAL. *Diário Popular*, Pelotas, p. 1, 18 fev. 1896.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. (Coleção Texto e Arte, 3).

FESTEJOS ao dia 7 de setembro. *O Pelotense*, Pelotas, p. 1, 5 set. 1854.

FREITAS, José Joaquim de Sena. *Observações críticas e descrições de viagem: entre mares e lares*. Rio de Janeiro: Companhia Impressora, 1891.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê, 2002.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL/Livraria Mundial, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Os passeios da cidade antiga: guia histórico das ruas de Pelotas*. 2.ed. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MOREIRA, Ângelo Pires. *Pelotas na tarca do tempo: município até o eclodir da Revolução Farroupilha*. Pelotas: Edição do Autor, 1989. v. 2.

MÜLLER, Dalila. *Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870)*. 2010. 338 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

OMEGNA, Nelson. *A cidade colonial*. 2. ed. Brasília, DF: EBRESA, 1971.

OSORIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3. ed. rev. Organização e notas de Mario Osório Magalhães. Pelotas, RS: Armazém Literário, 1998. (Coleção Cidade de Pelotas, 2).

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PELOTAS, 12 de agosto. [Correspondência do Diário do Rio Grande]. *Diário do Rio Grande*, Rio Grande, p. 1, 15 ago. 1867.

PRAÇA Cel. Pedro Osório. *Diário Popular*, Pelotas, não paginado, 20 set. 1987.

PRAÇA Pedro II. *Correio Mercantil*, Pelotas, p. 1, 12 out. 1875.

PRAÇA Pedro II. *Correio Mercantil*, Pelotas, p. 1, 14 set. 1877.

S. FRANCISCO de Paula: correspondência. *O Noticiador*, Pelotas, p. 3, 4 maio 1832.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In:

SMITH, Herbert H. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*. Tradução de Capistrano de Abreu. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

UEDA, Vanda. *Inovação tecnológica e espaço urbano: a implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência*. Florianópolis: UFSC, 1998.

VAMOS ao parque! *Diário de Pelotas*, Pelotas, p. 3, 24 out. 1885.

VELLOSO, Verônica Pimenta. *Cartão-postal: fragmentos da memória familiar*. 1999. 153 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

Data da submissão: 13/09/2013

Data do aceite: 21/11/2013